

PROCESSOS FORMATIVOS: MEMORIAL ACADÊMICO E JOGOS DE ESCLARECIMENTO

Jailma dos Santos Pedreira Moreira

INTRODUÇÃO

Nesse texto objetivamos fazer uma reflexão sobre formação científica, a partir da retomada de uma memória acadêmica minha. Nesse sentido, trazemos para a escrita cenas da minha formação, desde a graduação até o doutorado, em Letras, destacando, nesse percurso, o encontro e o trabalho com a pesquisa, o envolvimento e as reverberações deste processo, quando me vi também sendo professora universitária do curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Alagoinhas.

Nessa linha, buscamos trazer para a discussão a importância da pesquisa, considerando a incipiência da minha formação em um curso que começava sem essa tradição. Para além disso, retomamos também as ciladas de um fazer científico, de uma pesquisa que pode repetir o mesmo, reforçando uma via única de sentido e textualidade, apagando a parcialidade, as outras perspectivas e o que podemos fazer ao nos percebermos nesse jogo de instituição e abertura, que envolve o saber o poder e o si.

Assim, considerando, alguns dos meus passos, minha trajetória, encontros teóricos são destacados, tentando apontar ciladas, fragilidades, e possibilidades de formação, que nos levem a debater sobre que perfis de doutores queremos, considerando nossa atuação hoje em um programa de pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Crítica Cultural. Nesse sentido, o gesto de reescrita de um percurso, de arqueologia e trabalho com os signos se mostra tanto como uma estratégia metodológica, quanto teórica de intervenção, de proposição, que pode abrir brechas para uma reflexão sobre que sujeitos, que instituições queremos ajudar a desconstruir/formar, considerando a teia linguístico-

cultural que nos escreve, nos amortece e nos liberta, considerando as demandas do cotidiano, da realidade tão próxima e tão distanciada de nossos argutos olhos colonizados, apesar das dores e apagamentos presentes na pele, no corpo, na mesa, no texto, na memória de todo dia.

A GRADUAÇÃO, O ENSINO, A VERDADE ÚNICA E AS FISSURAS

Quando ingressei na UNEB, em 1993, no campus XIV, na cidade de Conceição do Coité, um outro campo se abria para mim, pois a Universidade cumpria essa função extremamente importante de adentrar em regiões do estado da Bahia, verdadeiros rincões, sem outras possibilidades, ao não ser concluir o ensino médio. Naquela época não havia essa proliferação de faculdades particulares e o ensino médio, na verdade, em geral, se resumia ao curso Magistério. Assim era a realidade da cidade em que eu vivia. Então a Universidade representava a abertura, o conhecimento que chegava, o ensino de nível superior, como, inclusive, por um tempo, se denominou o campus XIV: Centro de ensino superior de Conceição do Coité- CESCÓN.

Além da minha empolgação em fazer o curso, Letras Vernáculas, com habilitação em Literatura Portuguesa, do meu empenho em viajar toda noite para fazê-lo, durante quatro anos, visto que residia em outra cidade da região, quero destacar neste período uma cena importante para se repensar, da perspectiva que queremos, essa noção de formação, a presença/ausência de pesquisa, sua concepção. O campus de Conceição de Coité, onde fiz minha graduação, tinha um pouco essa função que o campus de Alagoinhas tem, onde hoje trabalho. Tinha a função, que a universidade acrescentava e-ou reforçava, de polo aglutinador, pois a esta cidade se dirigiam vários estudantes de diversas cidades/localidades circunvizinhas e, às vezes, nem tão vizinhas. A cidade se enchia de repúblicas estudantis, e aqueles, que, em geral, moravam, em certa medida, mais próximos de Coité, viajavam todo dia, como eu, através de carros-coletivos, custeados, por vezes, com recursos divididos com prefeituras, para chegar ao campus XIV da UNEB e realizar seus estudos

superiores. Lembro-me que eram verdadeiras caravanas, desbravando os entraves do semiárido, ambiente característico daquele território, em busca do “verdadeiro conhecimento”, “superior”, em busca da Universidade que, enfim, havia chegado, tornado-se próxima, concreta.

Mas, retomando, depois dessa digressão circunstancial, os adjetivos finais do último parágrafo me fazem resgatar a cena que quero rememorar, redesenhar aqui, para uma primeira reflexão. Lembro-me que tínhamos vários professores, mas que não sabíamos muito das suas formações, um ou outro, ficamos sabendo que veio de São Paulo, que estudou em determinada instituição, mas, em geral, não sabíamos isso, não perguntávamos por isso, não interessava, em certo sentido, representando um nivelamento bom, uma impressão de igualdade, que escondia uma universalidade, apagamentos e governanças. Não sabíamos se tinham mestrado, doutorado e onde tinham feito. Não se falava, nem se perguntava sobre isso, como disse. Na verdade, nem sabia muito da existência disso.

A primeira vez que ouvi a palavra mestrado, que soube que um dos nossos professores estava fazendo, já estava no final do curso, e a imagem que nos chegou era que tal professor estava desvairado, “correndo como um doido” com tanto saber para dar conta, reforçando um estereótipo muito comum, que circulava por vezes naquelas plagas, o que configura quem estuda muito como “doido”. Um estereótipo que mereceria uma reflexão mais aprofundada, o que não faremos aqui, mas este não será desconsiderado por todo, nos impondo uma leitura de seus sentidos, a partir das estratégias de exclusão, da negação de acessibilidade, nos conclamando a pensar sobre a importância, o efeito ou função dos estudos, de tantos estudos. E se tais estudos forem na área de Letras, ou seja, se não incidirem na área da Medicina, do Direito, áreas de conhecimento com renome/destaque e julgadas com visível teor prático, a questão ainda fica mais nebulosa, instigante a se pensar/problematizar, sob a pena de se recair na inutilidade, na não função, no não-sentido reativo ou mesmo na loucura do “correr doido” sem sentido, também reativo.

Depois de tanta digressão, mas com pistas importantes para tudo que queremos discutir, como um novelo rizomático, que entrelaça todas essas questões, como nos chamam a atenção Deleuze e Guattari (1995), destaco uma cena já no final desta minha graduação. O curso não tinha o currículo voltado para a pesquisa como hoje temos, por exemplo, no campus II, em Alagoinhas, no curso de Letras vernáculas. Neste a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) existe e já começa a figurar, sob outras nomenclaturas, desde o quinto semestre, quando o estudante define um tema de pesquisa e já apresenta um pré-projeto de investigação científica, enveredando, a partir do semestre seguinte, no caminho de estudo em busca dos dados que o levariam a refletir sobre seu problema, sua pergunta de pesquisa, constituindo, ao fim do curso, esse trabalho escrito, uma monografia que passaria por uma avaliação múltipla, visto que por mais de um professor, em uma banca constituída, já traduzindo rituais da produção de um conhecimento.

Como dissemos, o TCC não existia nesses moldes, mas no final, em um semestre do curso, geralmente o último, todos deveríamos fazer uma monografia sobre um tema. Lembro-me que as disciplinas Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa nos impunham essa demanda. Mas o que quero destacar é o modo como fomos levados a fazer tais trabalhos finas destas disciplinas. Para o da área de Literatura Portuguesa, o método nos chegou como Aquele que nos levaria ao conhecimento, fruto do estudo que deveríamos empreender. A proposta seria escolher um elemento estruturante de um romance indicado para a turma, portanto escolher quem falaria sobre o narrador, ou o tempo, ou o espaço, ou a personagem e estudar toda uma teoria que iria definir o que são esses elementos e, depois, aplicar essa teoria na análise da narrativa. Como nos esclarece, Silvano Santiago (2000) a estrutura já estava pronta e nós teríamos que dançar conforme a dança, perambular dentro dessa estrutura, dizendo, de certa forma, o já dito, como afirma Foucault (1986), ao fazer sua arqueologia do saber, refletindo sobre um tipo de produção ou de conhecimento que reforça o mesmo, que vive de dizer o já dito, ou ainda de buscar dizer o jamais dito.

Esse jamais dito nos remete ao estudo literário que fazíamos no curso, fundado na *Teoria Literária*, de René Wellek, livro que nos era passado como uma Bíblia Sagrada, portanto, para muitos, sem possibilidade de questionamento ao sacramentado. Nessa linha, a ênfase era no fenômeno literário, nas escolas literárias, nas grandes fontes e nas influências. O estudo da disciplina Teoria da literatura nos encarregava de voltar às origens, ao considerado berço do conhecimento, à Grécia, na perspectiva de aprender os gêneros literários, de reforçar uma análise fundada também no encantamento, no fascínio do objeto literário. Essa era, porém, a única verdade, que nos chegava/concebíamos como caminho único e límpido do conhecimento no campo literário. Entretanto, entre tantas brechas possíveis de se ver, quando deslocamos o olhar, quero destacar uma outra cena que, de certa maneira, se colocava contraditória, visto que díspar, em certa medida, daquela forma de trabalhar, de buscar saber, estudar. A disciplina Literatura Brasileira nos solicitava também como monografia final um trabalho que contrastava com o de Portuguesa, visto que nos deixava um pouco mais livre para selecionarmos um tema/problema para reflexão, fora dos elementos já estruturantes e estruturados da narrativa, assim como nos convidava a pensar teoria não como aplicação, pois nos solicitava uma espécie de análise já articulando/operando, desde a primeira linha escrita do trabalho, com os estudos teóricos, os estudos bibliográficos que tínhamos feitos sobre o tema levantado.

Esse modo de fazer, de conhecer, diferente, me chamou bastante a atenção, pois não só confrontava aquele outro, passado como única possibilidade, verdade, (então me perguntava um pouco atônita: mas aquela forma não era a única, a verdadeira?), como também traduzia outros caminhos, outras possibilidades para se refletir sobre algo, um assunto na literatura, a começar pela possibilidade de eleição mais ampla desse assunto, abrindo comportas ou mesmo ignorando/relativizando/sacudindo a cadeia fechada da análise estruturalista, como nos leva a constatar Santiago(2000). Portanto, aquele movimento já simbolizava um ruído, uma rachadura naquele teto/trilhar

dado como único para o conhecer, que, mais tarde, melhor se abriria e se explicitaria.

A PÓS-GRADUAÇÃO: O ENCONTRO COM A PERSPECTIVA E COM A CRÍTICA CULTURAL

Depois da graduação fiz dois cursos de pós-graduação lato sensu, uma especialização em Texto em gramática, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), em convênio com a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e outro em Estudos literários, No campus XIV da UNEB, mas como uma extensão de um curso iniciado no campus II de Alagoinhas.

O primeiro curso, cuja monografia final foi denominada *O erro sob o olhar linguístico*, já me chamava a atenção pela politização que se fazia da língua e da gramática. Não que isso não fosse apresentado na graduação, as diversas gramáticas e seu império do sentido certo. Mas nessa especialização, com professores como Sírio Possenti, pude perceber de forma mais ampliada, através da ironia, a ambiguidade na linguagem, já nos levando a explorar, hoje posso afirmar melhor, outras lógicas do sentido, como nos provoca a pensar Deleuze (1974). Possenti (1996) com seu livro *Por que (não) ensinar a gramática*, nos fez refletir sobre outra forma possível de se ensinar a gramática, explorando isso já no título do seu livro, nos alertando para uma demanda do trabalho com a linguagem e como isso iria resvalar em trabalho com o pensar. Sim, porque gastamos um tempo tentando deglutir o título que afirmava e não afirmava o ensino da gramática, algo difícil para nós que, embora tivéssemos estudado outras gramáticas, ainda sentíamos o peso do único caminho, do caminho certo, apesar das variações. Um certo jogo necessário já se esboçava no título de Possenti e com ele pudemos ver Nietzsche comparando a gramática ao Deus, e nós nos colocamos a pensar o que isso tinha a ver com único caminho, com conhecimento único, certo, verdadeiro, o que isso camuflava e impedia.

O curso, com autores como Perini e seu livro *Sofrendo a gramática*, nos levou a pensar de forma mais aguda esse império da gramática e como ele se rizomatiza, se dobra em várias outras instâncias. Aprendemos ali, já com mais maturidade, a dar mais valor a opinião diversa de autores na hora de arrolar com a nossa e fazer os artigos das disciplinas, pois o múltiplo não era somente um ajuntamento diverso, mas a possibilidade de uma diferença, de um outro olhar sobre a mesma questão, por exemplo, sobre o erro na escrita. Aprendemos com a leitura de Marcos Bagno (1997; 1999), *A língua de Eulália* e o *Preconceito linguístico*, a reconhecer, de fato, outras línguas, pois além de variação havia preconceito, exclusão no uso da língua e como era importante uma posição sobre isso, uma posição científica, profissional, subjetiva. Nessa linha, recordo-me da reflexão que fazíamos sobre certa atuação de professores em formas avaliativas em escolas e em provas de concursos, que demonstrava como, através de questões e de formas de corrigir, a ênfase recaía no excluir e no punir e não na vontade de aprovar/incluir, para além de todo um discurso que poderia dizer o contrário.

Com este curso aprendemos a considerar o erro sob outra perspectiva, e muito lemos e estudamos para perceber isso no agenciamento linguístico. Com isto podemos dizer que aprendemos o que era uma perspectiva, aprendemos a levar em conta, a dar importância uma perspectiva, entretanto foi com a especialização em estudos literários que a nossa perspectiva, agora já flagrada como uma possível, em meio a uma multiplicidade, desbancando o Deus gramática do império do sentido único, da verdade, encontrou o crivo da crítica cultural no campo literário.

Foi, portanto, com a especialização em Estudos literários, sob o prisma da cultura, que pude rever/perceber os tecidos culturais, tão próximos a mim e tão distanciados, através de uma barreira que impedia o movimento mais amplo do olhar, da representação, que se fechava na contemplação do fenômeno literário, das páginas do livro, somente. Outros olhares iam se abrindo para mim, como possibilidades de ver-ver, trazer para a cena. O cotidiano se apresentava como uma

textualidade a ser considerada, sem o engodo de certa noção de representação que nos impossibilita de ir mais além, de ver os bastidores, os problemas, as demandas reais-ficcionais e as outras trilhas desenhadas como caminhos.

Esta formação me possibilitou um reencontro com a minha formação em casa. Com o texto de Silviano Santiago (2005), por exemplo, mapeando a emergência de outros estudos no campo literário (no fim da década de 1970/1980, politizando o cotidiano, problematizando as fronteiras), como o estudo sobre o samba no morro carioca e a perambulação do malandro, através da música, de Claudia Matos, pude retomar a discografia de meu pai, que tanto embalou a minha vida, como o samba de breque de Moreira da Silva e o primeiro samba gravado no Brasil, *Pelo telefone*. Daquela coleção de Lps, o outro passo para mais fragmentos dessa textualidade foi rápido. Assim, a cena de meu pai sempre lendo, falando embevecido de suas leituras, foi retomada, na medida em que eu me interpelava sobre o que eu via e me inquietava em meio àquela leitura da paisagem sertaneja, dos romances regionalistas, da saga de Lampião, que ele destacava com apreço em seu arquivo físico e afetivo. É preciso ressaltar que eu era interpelada a fazer esta revisitação dessa textualidade, pelos textos que líamos, como o que acabei de citar, pelas orientações-perguntas de um professor, que as vezes me parecia sem sentido. Isso por conta de uma certa noção de fazer aprendia, que não me concebia considerar tanto aquela geografia humana, local, subjetiva, não me permitia conceber/considerar aquela textualidade, ainda mais de uma perspectiva que não ficasse somente no encantamento ou deslumbramento perante um fenômeno, uma natureza das coisas, dos modos.

Lembro-me o quanto fiquei inquieta com isso, com outras portas e janelas abertas, como sinônimos de outras trilhas possíveis, inclusive investigativas. A expressão que retive na memória traduzia essa inquietação: Eu não sabia que podia, com a pesquisa, falar da minha vida, da vida de outras pessoas, do cotidiano, do local. Eu não sabia que podia falar das mulheres da minha rua. Sempre digo isso, quando retomo essa

perplexidade e essa abertura com a qual me defrontei. Foi a partir desse encontro com a Crítica cultural que pude ter um reencontro comigo, com as mulheres que via e não via no meu cotidiano.

Assim, em meio as leituras sertanejas de meu pai, comecei a perguntar onde estavam as mulheres, onde elas estavam nas narrativas do cangaço, que lugar ocupava Maria Bonita nestas histórias contadas. Por conseguinte, também comecei a me perguntar sobre o lugar que meu pai ocupava na mesa de jantar, aquele lugar já consagrado, o único lugar reservado e o que essas linhas teriam a ver com uma formatação patriarcal de todos nós, naturalizada, que apagava outras histórias, outros passos, outros agenciamentos e suas demandas no cotidiano, fechando-o numa mesma estrutura. Foi com essa outra perspectiva possibilitada que comecei a notar o movimento ativo de minha mãe em casa, o chiado constante de suas sandálias, traduzindo os passos ágeis e corriqueiros, desde cedo da manhã até tarde da noite, percorrendo toda casa, todos os dias. A deflagração dessa imagem e a sonoridade que a acompanha nunca mais saiu da minha memória.

Foi assim, portanto, que comecei a me interessar cientificamente por histórias de mulheres. Nesse curso já começávamos a estudar um pouco essa linha, com escritoras como Florbela Espanca e críticas feministas como Rose Muraro. Mas o meu foco, motivada por todo aquele revolver do meu olhar, debruçou-se sobre a textualidade de mulheres sertanejas, aquelas tão próximas e tão distanciadas. A monografia que fiz foi sobre mulheres no cordel, já ensaiando um estudo sobre Maia Bonita e uma crítica cultural feminista na linha dos estudos de gênero. Lembrome da foto que fiz questão de colocar na monografia: da minha mãe na janela, abrindo janelas no cotidiano, simbolizando, portanto, essa abertura, os seus passos ativos, que comecei a perceber sob um teto de uma nação patriarcal, assim como os outros passos que, talvez ainda não soubesse, comecei a dar naquele momento.

O MESTRADO E O DOUTORADO: DO DESEQUILÍBRIO À CORDA BAMBA COM O FEMINISMO

Se até chegar nessa etapa tinha começado a perceber outras trilhas possíveis para o olhar investigativo, foi com o mestrado, realizado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), a partir do ano 2000, que, de fato, me pus a caminhar nessas trilhas, a sentir as demandas, a me perguntar, portanto, como andar nessa corda bamba. Sim, pois esta era a minha sensação, que, inclusive, foi traduzida na introdução, denominada *Um olhar genealógico e as inquietações de uma pesquisa*, da minha dissertação, que depois virou livro, conforme Moreira (2016).

Neste texto busquei expressar como me sentia, após rejeitar o terreno tão bem seguro e sedimentado das análises estruturais da narrativa, que pareciam já me ditar o que fazer. Parecia entrar em um novo campo e realmente entrava. Comecei a estudar os filósofos pós-modernos, como Deleuze, Foucault, Derrida e a ler algumas de suas bases, como Nietzsche, Marx e Freud.

Ressalto que esses estudos foram feitos a partir de uma demanda percebida/desencadeada, desde a última especialização, seguindo as trilhas abertas por um grupo de estudos na UNEB, sobre subalternidade, que passei a participar e coadministrar, e que deram base e segmento para me ajudar a lidar com os abalos epistemológicos do percurso. Estudos, evidentemente, que também foram provocados/suplementados/sedimentados, como faca de dois gumes, cortando dos dois lados, pelos questionamentos e tensões que o mestrado e o doutorado na UFBA, já me impunham. Lembro-me bem, desta fase, da tensão, por exemplo, visualizada entre a disciplina Metodologia da pesquisa e seus métodos tão bem delimitados e prescritos, definidos, e a sacudidela de disciplinas como Estudos Culturais e Seminários avançados, que nos levavam a ativar o movimento da pesquisa ao entrar em contato com teorias que nos impulsionavam a pensar os labirintos da linguagem, com Wittgenstein, a coisidade da coisa, com Heidegger, a diferença que não faz diferença, com Derrida, entre

outros estudos. Os balanços da formação foram mais sentidos e a ênfase nos estudos e pesquisa, na seleção de teorias fortes, de outros modos de olhar, aliados a perspectiva da crítica cultural e feminista, foram fundamentais para que eu pudesse saber/aprender a bailar na corda bamba.

Assim, como continuei enveredando pela temática do cangaço, do sertão, através de uma reflexão sobre Maria Bonita, principalmente a transformada em personagem da peça *Lampião* de Rachel de Queiroz, descobri nesse momento a percepção da invenção, ou ficou mais claro para mim nesse período essa perspectiva, da criação, levando-me já a fazer uma associação, talvez ainda muito sem consciência, do trabalho estético que também começava a desenvolver, seja na investigação científica da cultura e da literatura, seja no trabalho como professora que começava também a desenvolver nessa época na universidade, e mesmo no trabalho comigo mesma, com minhas várias facetas identitárias: a de mulher, sertaneja, pesquisadora-professora etc.

Então eu descobria com Durval Muniz de Albuquerque (2001) estudando o sertão, que o Nordeste era inventado, mas o meu movimento, lendo Rachel de Queiroz, seus passos de vida e as trajetórias desenhadas para suas personagens, entre elas Maria Bonita, me ajudava a afirmar que ele, o sertão, podia ser reinventado o tempo todo, que elas, as mulheres, estavam nesse movimento de reinvenção.

A junção entre uma corrente de estudos pós-estruturalistas e linhas feministas que ia chegando até mim, que ia lendo, me fez perceber com mais acuidade o pensamento como ato criativo, como afirmava Foucault (1987) no seu *Theatrum filosófico*. Mas a Jane Flax (1982) também nos ensinava que era importante pensar o pensar. Nessa correlação, descobria a invenção, a reinvenção que me levavam a investigar como certos terrenos foram sedimentados, naturalizados, formatados. Isso demandava uma teoria que não me deixasse desarmada, como provoca o Stuart Hall (2003). Desse modo, fez-se necessário uma teoria, — que já estava experimentando, que tinha revolvido meu olhar para percepções

importantes — que nos preparasse, portanto, para ver como as peças foram montadas, para nos ajudar, ao fim, a desmontar e remontar.

Nesse campo que fora aberto foi fundamental não esquecer a perspectiva da transvaloração que Nietzsche e Freud ensaiavam, mas que o feminismo que chegava até mim também me ensinava com suas prerrogativas bem definidas, suas lutas e questionamentos que não aceitavam certos relativismos. Assim, naquela arena de forças visualizadas, ia aprendendo a defender pontos de vista, questionar o valor de certos valores, e desenhar, lutar por outros, que eram apagados, naturalizados, relativizados, inclusive a dor que destes era proveniente. Nessa esteira tinha algumas certezas importantes, que buscava juntar, mesmo sabendo que todas elas tinham que ser reinterpretadas. Dessa forma, situando-me nesse outro caminho, da reinterpretação, já assinalava que não dava para relativizar a violência contra mulheres, não dava para negociar uma dor a menos, aceitar somente uma dorzinha, uma violência em menor grau. Aquilo era inegociável, traduzia uma posição, que ia se assentando, a linhagem que ia construindo nesse trabalho de perlaboração.

la, portanto, construindo uma sintaxe segura, que me permitiria perambular nesta corda bamba do conhecimento. Ia juntando as pistas para o meu parâmetro. Assim, se descobri com Nietzsche que era preciso afirmar a vida, foi com as mulheres que aprendi a esmiuçar o que seria isso., perceber e exercer essa afirmativa no cotidiano. Lembro-me que no doutorado, ao trabalhar com mulheres rurais sisaleiras, ao ter contato com a vida dura dessas mulheres que ganhavam dois reais por semana desfibrando/cortando sisal, me perguntei se aquilo era afirmar a vida. Com o trabalho com mulheres fui melhor construindo, portanto, meu parâmetro de igualdade, liberdade e dignidade de viver, o movimento/o equilíbrio paralógico de igualdade com diferença.

Fui, portanto, adentrando, cada vez mais, em uma espécie de hermenêutica do cotidiano, de descolonização do olhar, mesmo perante um feminismo branco e eurocêntrico que se destacava, visto que entrava

em contato com outros feminismos, por exemplo, o das mulheres trabalhadoras rurais do semiárido baiano. Minha dissertação de doutorado, intitulada *O artesanato de si*, já esboçava as lições que aprendia com aquelas mulheres de fibras, mulheres artesãs que produziam artefatos de sisal. A cena que unia o trabalho delas, toda segunda-feira, em uma casinha no sertão, a associação dos moradores, tecendo bolsas de sisal e as suas perambulações em busca de estudos outros, de cidadania, de direitos também, tecendo uma outra realidade e igualdade de gênero e de vida, foi mais uma que se fixou de forma móvel em minha memória, traduzindo o artesanato que me ensinaram. O artesanato delas, de si, e nosso também. O artesanato que expressava, se fazia, através de um trabalho coletivo, intersubjetivo, com percalços imensos, mas possíveis de se perpassar, com atritos, mas, principalmente, com saldos positivos no que diz respeito a construção de uma outra paisagem humana, física, geográfica. Era o que percebia, com uma perspectiva outra aprendida, que focalizava, considerava e observava os saldos daquele trabalho micropolítico, rizomático, intersubjetivo, a potência daquele artesanato.

Dessa forma, com a pesquisa, ia percebendo um equilíbrio falso, pois apagava os atritos, as forças outras que sempre coexistiram, como, por exemplo, o movimento político de mulheres, suas histórias, suas vozes e lutas. Fui percebendo como as mulheres, seus movimentos, suas aberturas e ciladas nesse campo escorregadio da formação de si, da interpretação de si no terreno gregário da linguagem, em meio as forças patriarcais que nos formaram, como o trabalho, portanto, não seria de pura inversão dos sinais e dos lugares, mas de reversão. Um trabalho que apontava para o si e para o outro ao mesmo tempo. Um trabalho que não desconsiderasse o desequilíbrio necessário e sempre existente, enquanto abertura constante para outras vias, mas que nos ensinasse a caminhar na corda bamba, a saber que fios tecer, considerar, em prol de um artesanato humano outro, solidário, preocupado e tramado com equidade de direitos a uma vida, de fato, digna.

FORMANDO-SE E FORMANDO: PASSOS DA PROFESSORA PESQUISADORA

Esse artesanato subjetivo, de si e do outro, solidário, pode também ser vislumbrado nesse tópico que queremos falar dos meus passos como professora pesquisadora na UNEB. Quando comecei a dar aulas na universidade, tinha acabado de adentrar o Mestrado. Então, literalmente, estava me formando e ajudando a formar outros pesquisadores. Assim que ingressei, iniciei logo o trabalho de experimentação, de desdobramento do que fazia como pesquisadora. Junto com o professor Osmar Moreira, começamos um grupo de estudos, o NUES, Núcleo de Estudos da Subalternidade, que foi responsável por aticar um desejo maior de pesquisa e estudos no campus, que ajudou a desconstruir uma repartição entre ensino e pesquisa, reforçando a significância da reflexão científica, da produção e não reprodução do conhecimento, a partir de novos olhares, temáticas, articulações, posturas, diante da textualidade posta ou dada como naturalizada.

O NUES era coordenado pelo professor Osmar e por mim, e foi responsável por um movimento de criação, uma animação científica no campus II. Era formado por diversos pesquisadores estudantis, sob a orientação de nós professores. Realizávamos estudos semanalmente e a cada dois meses geralmente fazíamos seminários diversos, com os estudantes e também com convidados, inclusive professores do Departamento, de diversos cursos e disciplinas. Os Seminários do NUES tinham também um caráter de experimentação que ia para além dos muros da universidade. Assim, realizamos atividades em sindicatos, associações, casas e garagens de moradores de Alagoinhas, fizemos atos estéticos nas ruas e na feira da cidade, discutindo autores como Marx, Deleuze etc. e temas para muitos não tocados ou que mereciam questionamentos/enfrentamentos, pois nos afligiam, como o cotidiano, a Alagoinhas invisível etc.

Nesse movimento, o NUES ajudou a formar diversos pesquisadores que hoje são doutores, que seguiram caminhos críticos-reflexivos, e que

levam a marca daqueles estudos que insistiam em perguntar e provocar reflexões sobre o que pode o subalterno, suas estratégias para alternar estruturas de poder, como atesta o livro *O que pode um subalterno*, organizado por Oliveira et al (2012), como um dos resultados desse processo intersubjetivo, mediado por uma outra postura científica. Assim, os subalternos, segundo os estudos que desenvolvíamos, seriam aqueles que sub-alternam estruturas de poder, de conhecimento, ressignificando também o sentido inferiorizado atribuído ao próprio termo.

Como disse, com o NUES, íamos formando outros pesquisadores, a partir da Iniciação Científica (IC), que praticamente não existia e começava a se instituir, inclusive, em toda a UNEB, com regimentos e setores mais específicos. Dessa época, lembro-me como tive que peregrinar, certo ano, para conseguir um estudante interessado em pesquisar e como, depois de algum tempo, o número de estudantes interessados se multiplicou, havendo até disputas entre estes para poderem participar da IC. Foi nessa época também, que, de certa forma, ocupamos o NUPE, Núcleo de Pesquisa e Extensão, do campus, que estava com as portas fechadas, sem atividade e função. A partir desse movimento, o NUPE não mais fechou as portas, o cenário se modificou, ajudamos a desencadear uma demanda por mais bolsas de IC e por instituir, também, a categoria do pesquisador voluntário. Com tudo isso, os números de pesquisadores de IC, proporcionalmente falando, do campus II do Departamento de Educação, e em especial do curso de Letras Vernáculas, eram sempre maiores ou destaques em toda a Universidade do Estado da Bahia, considerando sua multicampia.

Foi também após minha entrada na Universidade, como professora, que instituí um grupo de estudos sobre gênero, responsável também pela formação específica na área para diversos estudantes, além disso coordenei, no campus II, por várias vezes, a campanha *16 dia de ativismo pelo fim da violência contra a mulher*, que buscava intercalar as lutas no campo científico com os diversos modos de enfrentamento de mulheres no município e entorno de Alagoinhas, através de seminários, mesas redondas, oficinas e caminhadas na cidade, contando com participação,

portanto, não só de pesquisadoras e pesquisadores de universidades, de estudantes, mas também de mulheres trabalhadoras rurais, e de outros movimentos, mulheres que lutavam na comunidade, como dissemos, contra a violência sobre a mulher, representante da Delegacia de Atendimento à Mulher — DEAM, de políticas públicas específicas voltadas para a mulher etc. Isso também foi base, como pontuamos, para se desembocar em outras conquistas e formas de se continuar lutando, fomentando pesquisas e disseminando outros signos, outros conhecimentos sobre o feminino e também sobre o papel da universidade, em específico o campus II, a favor da luta contra o feminicídio, contra todas as formas de violência que incidem sobre mulheres (MOREIRA et al, 2019).

Também foi nesse percurso que realizamos, juntamente com diversos estudantes, o I fórum de Crítica cultural do campus II, com o tema *Criatividade popular e transformação social*, que foi responsável por transmutar todo campus II em uma verdadeira arena, com diversas tendas denominadas quilombos, em que se juntavam universidade e outras comunidades, com a finalidade de discutir questões que afligiam as pessoas, presentes naquela realidade, firmando parcerias, um diálogo, um caminhar junto, partilhando modos de luta, imprescindíveis, para um melhor conviver, um enfrentamento de formas de opressão que atinge a nós todos. Esse fórum, assim como outras rasuras textuais aqui destacadas, foi extremamente importante, inclusive para a construção do Programa de Pós-graduação stricto sensu em Crítica Cultural que temos hoje. De várias maneiras, podemos assim dizer, saímos de campo e entramos em campo.

Aliado a isso, nesse artesanato coletivo, meu, de estudantes e de outros, incluindo a instituição UNEB, ainda ressalto o trabalho coletivo e solidário desenvolvido no colegiado de Letras, que juntou esforços em uma cooperação que resultou, entre outros fatores, na visibilidade dos três cursos de letras, na criação de seminários interdisciplinares que mudavam uma cultura acadêmica (MOREIRA et al., 2011). Seminários que defendiam e efetivavam o trabalho intercalado entre colegas, o

conhecimento transdisciplinar e construído segundo diversas perspectivas, assim como a ênfase na pesquisa, na produção de saberes, sem esquecer o diálogo com a extensão, através, por exemplo, de tantos encontros e caravanas realizados nas escolas públicas de Alagoinhas e outras instituições educativas, realizando um movimento de trocas de experiências, de confluências, em que tanto estávamos mais presentes lá, como eles (professores de escolas, estudantes, agentes comunitários...) aqui, no campus universitário.

Tudo isso, como disse, foi fundamental para a construção do Pós-crítica, para a percepção da importância da formação que implique em outras formas de intervenção, não hierarquizadas, que aponte para prospecções que intervenham em desigualdades, em problemas reais e tão próximos, que aponte, portanto, para outras interpretações textuais, fazendo o sujeito se perceber na cena, com possibilidade de ser apagado, impossibilitado de intervenções substanciais, mas, principalmente, de ser agente transformador.

ARREMATANDO ALGUNS FIOS DESSE TECIDO

Nessa tessitura, aqui retomada através de cenas, expressões e lampejos da minha memória de formação que foram interpretados, ficam muitos fios para serem arrematados e expandidos em mais reflexões. Assim, desse novelo remexido, como disse, aberto a outras reflexões, gostaria de destacar algumas questões, diante, inclusive, de alguns obstáculos que encontramos no processo de formação de mestres e doutores em Crítica cultural.

Se muitos problemas ainda dizem respeito à leitura, à escrita, à determinada formação, então, penso que, considerando a significância, que pode ser mais explorada, desse gesto de escrita, é fundamental um trabalho constante de revisão de formação, revisão inclusive da percepção de escrita, de leitura, de linguagem para que se note a força instituinte que elas tem e, com isso, se possa compreender o porquê de

um alinhamento, concordância ou discordância de palavras até chegar em uma língua de fogo, como propõe Glória Anzaldúa (2020).

Como nos diz Rosa Fischer (2005), em discussão tratando de questões de pesquisa e formação de estudantes, se a resenha de textos é fundamental, quando trabalhamos, por exemplo, no mestrado, procurando discernir, encontrar a perspectiva de cada autor, seu modo de pensar e pesar, seus parâmetros, como e com quem se articula para construir sua tese, é de singular importância que o leitor, após detectar os pontos de vista, relance as flechas apontadas, lance sob outras prerrogativas, as suas, que foram/são construídas, melhor sedimentadas/rasuradas, neste diálogo artesanal com linhas e nós que não devem ser recalçados.

Relançar uma linha, a partir das leituras, das prospecções percebidas/engendradas, do trabalho de (auto)reflexão, que vai demandar um movimento teórico-subjetivo, uma série de ferramentas operacionalizando o saber, o poder e o si, é o que esperamos, certamente, de quem faz/fez um doutorado. Esperamos que possa restituir em si a capacidade de intervir, de interpretar, de perguntar, como nos diz Marisa Costa (2005) ao debater sobre um elemento de base na formação de um pesquisador: a pergunta que este faz. Marisa Costa (2005) nos alerta, partindo das observações que faz sobre muitas pesquisas científicas, como o modo de perguntar nos leva, por vezes, a negar a pergunta e sua potencialidade de respostas, como, portanto, a pergunta pode já prescrever um caminho fechado, dado como única estrutura possível.

Há um chamado, dessa maneira, para revermos os modos de inquirir fundamentados em teorias, linhas de perspectivas/metodologias que ainda se fecham em uma via naturalizada como única. A reflexão que nos conchama é para observarmos como o modo como perguntamos direciona o caminho da pesquisa. Assim, pode implicar em uma falsa abertura, pois perambula dentro do mesmo, ou pode implicar em veredas, que forcem um outro pensar, articular signos, teorias, métodos,

traduzindo-se em um ato criativo, na produção de outro conhecimento, que, de fato, nos sirva.

Conforme as nuances da minha formação acadêmica aqui destacadas, diria que a perspectiva advém da pesquisa. A instabilidade, ou a corda bamba, significaria entrar no acaso das forças, no campo da produção do conhecimento, inclusive de si, percepção do volátil, do móvel, do contingente, do provisório, do sujeito em formação, sim. Percepção de estarmos nos tornando, desnaturalizando subjetividades. O doutorado, portanto, deveria reverberar a percepção, permitindo a entrada na cena, para já propor, interpretar, efetivamente, com sua parcialidade/ponto de vista/lugar de fala, se fazendo presente na relação de forças.

Em um mundo no qual vivemos pandemias diversas, com um nível altíssimo de desigualdade de condições de vida, pois uma maioria abocanha a riqueza produzida por trabalhadores e trabalhadoras, em uma divisão injusta de bens e direitos, com genocídio de populações há tanto escravizadas, excluídas, como negros, mulheres etc., penso que precisamos de uma formação que nos convide a rever nossas formações, a desconfiar da história contada como única, como nos provoca Chimamanda Adichie (2014), a desvelar a imparcialidade e neutralidade científica com seus efeitos, como nos faz perceber, com seu depoimento de vida, Grada Kilomba (2019). Rever, portanto, nossas escrituras, como nos sugere Conceição Evaristo (2007), acordando-nos do sono (in)justo. Uma formação, como ressoa nesse texto, que nos inquiete a perceber os apagamentos, as teorias frágeis, os falsos problemas, as ciladas etc., de modo que possamos encontrar nosso mapa de bordo, como também nos alerta Fredric Jameson (2004) diante de tanto simulacro de realidade. Assim, acima de tudo, que nos inquiete a perceber a tessitura linguística-coletiva-cultural-subjetiva, e, nessa (des)construção, a possibilidade de abrir janelas, sabendo que ventos queremos ter, o que queremos revolver, como podemos ser.

REFERÊNCIAS:

- ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de uma história única*. 2009. Disponível em: <http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Sintese-Perigo-De-Uma-História- Acesso 08/09/2014>.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- ANZALDUA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos feministas*. V 8 N1 2000. Disponível em www.periódicos.ufsc.br. Acesso em 15/12/2020.
- BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália*. São Paulo: Contexto, 1997.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. São Paulo: Loyola, 1999.
- COSTA, Marisa Vorraber. Velhos temas, novos problemas – a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In. COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel. (Org.) *Caminhos investigativos III: Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Introdução: Rizoma. In: *Mil Platôs*. Vol. 1. Editora 34: São Paulo, 1995.
- EVARISTO. Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. IN.: ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2007.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In. COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel. (Org.). *Caminhos investigativos III: Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005
- FLAX, Jane. Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1982.
- FOUCAULT. *Arqueologia do saber*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.
- FOUCAULT. Nietzsche, Freud e Marx; *Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Princípios, 1987.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- JAMESON, Fredric. A lógica cultural do capitalismo tardio. In: *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 2004.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. *Sob a luz de Lampião: Maria Bonita e o movimento da subjetividade de mulheres sertanejas*. Salvador: EDUNEB, 2016.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira; COSTA, Edil Silva; PEREIRA, Áurea da Silva; BASTOS, Pérola Cunha e SILVA, Elizabete Bastos. Seminários Interdisciplinares de Letras: Ensino, pesquisa e extensão integrados, (des)construindo práticas no campus II. In. *Anais do Colóquio Práticas Pedagógicas inovadoras na UNEB*. Salvador: UNEB, 2011.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. SILVA, Cláudia Menezes da; SANTOS, Mariléia Oliveira. O papel das Universidades no enfrentamento da violência de gênero: a experiência do DEDC do Campus II da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, na cidade de Alagoinhas. In. MARAUX, Amélia Teresa; OLIVEIRA, Íris Verena; SILVA, Marta Enéas da. *Série Ações afirmativas - Educação e direitos humanos – Diferenças e práticas formativas*. Vol. 1. Salvador, EDUNEB, 2019.

OLIVEIRA, André; FRANÇA, Rogério; OLIVEIRA, Wilson (Org.). *O que pode um subalterno: sobre História, Literatura, Crítica cultural e outras máquinas*. Salvador: Quarteto, 2012.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar a gramática na escola?* São Paulo/Campinas: Mercado de Letras, 1996.

SANTIAGO, Silvano. Democratização no Brasil 1979 – 1981 (Cultura versus artes). In: *A viagem de Lévi-Strauss aos tópicos*. Brasília: Instituto Rio Branco, Fundação Alexandre de Gusmão, 2005.

SANTIAGO, Silvano. Análise e interpretação. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural*. 2ª edição. Rio Janeiro: Rocco, 2000.